

# As Salas de Cinema no Subúrbio Carioca do Século XX

## Movie Theaters in Suburban Rio de Janeiro in Twentieth Century

Raquel Gomes de Sousa<sup>i</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** Este artigo entende as salas de exibição, ou seja, os cinemas como formas espaciais capazes de criar e recriar os espaços, gerando, em conjunto com outras formas e processos, diferentes arranjos espaciais. Diante disso objetiva-se analisar os cinemas e sua dinâmica espacial no subúrbio carioca durante o século XX segundo três períodos principais 1905 – 1934, 1935 – 1984 e 1985 – 1994.

**Palavras-chave:** Cinema; Rio de Janeiro; Subúrbio; Século XX.

**Abstract:** This article understands the movie theaters as spatial forms, which are capable to create and recreate spaces. Furthermore, with a series of forms and processes, generating in different spatial arrangements. Face to this context, the aim is to analyze the spatial dynamics of the movie theaters in the suburbs of the city of Rio de Janeiro, during the 20th century, according to three periods 1905 – 1934, 1935 – 1984 e 1985 – 1994.

**Keywords:** Movie Theater; Rio de Janeiro; Suburbs; 20th Century.

### Introdução

O trabalho aqui apresentado tem como objetivo discutir a dinâmica espacial das salas de cinema no subúrbio carioca durante o século XX. O cinema, enquanto uma forma espacial criada pela ação humana exhibe padrões espaciais específicos notáveis ao longo do tempo, que podem ser submetidos a uma dinâmica comandada por agentes e forças para além de sua própria área de atuação. Sendo assim, a organização espacial é dinâmica, uma vez que possui lógicas próprias ao mesmo tempo em que está submetida a outras lógicas escalarmente integradas. Dessa forma, entende-se que a importância desse estudo é a de ressaltar como os cinemas podem ser um aspecto que contribuem para a compreensão da dinâmica espaço-temporal da cidade do Rio de Janeiro. O presente estudo está dividido em duas partes. A primeira delas refere-se a uma breve discussão teórica, na qual indicaremos as principais perspectivas de análise do cinema no âmbito da geografia, apresentaremos o conceito de subúrbio, bem como indicaremos a perio-

---

<sup>i</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. raquel.ufrj@yahoo.com.br.

dização como um importante recurso à geografia e especialmente ao presente trabalho. Finalmente apresenta-se uma trajetória geral da instalação dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro. A segunda parte dedica-se à análise empírica, indicando como a instalação das salas se comportou no subúrbio carioca nos três momentos pré-definidos, 1905 – 1934, 1935 – 1984 e 1985 – 1994.

## **Subúrbio e Cinema: uma Breve Discussão Teórica**

Em recente estudo Fioravante (2016) classifica os artigos nacionais e internacionais sobre geografia e cinema publicados entre 1972 e 2014 em quatro linhas de pesquisa: a) cinema e ensino de geografia, como aquelas pesquisas que entendem o filme como recurso didático; b) cinema e geopolítica, linha que investiga filmes que abordam questões como legitimação de nações, ideologia política e fronteiras; c) geografia, humanismo e representações cinematográficas, linha que discute a representação de cidades e/ou paisagens nos filmes e discute a construção de identidades culturais no cinema, e d) indústria cinematográfica e geografia, que busca dissertar sobre o cinema enquanto sistema industrial que causa impactos espaciais e sociais específicos, como os efeitos espaciais da produção cinematográfica e o mercado de trabalho. Fioravante (2016) destaca que essa última pesquisa é a mais contrastante porque o seu interesse não está na análise das imagens fílmicas, mas sim em questões materiais e práticas da produção cinematográfica. Ou seja, as três primeiras linhas trabalham com os filmes e seus significados e a última linha trata da indústria cinematográfica, envolvendo todo o processo, desde sua pré-produção, passando pela produção e pós-produção até a distribuição. O presente trabalho enquadrar-se-á nesta última linha de pesquisa, sobre a indústria cinematográfica, sobretudo na fase final de distribuição do sistema de produção cinematográfica, uma vez que ele está interessado nos estabelecimentos cinematográficos enquanto fixos do espaço urbano capazes de criar e recriar arranjos espaciais.

Referente ao recorte espacial selecionado, ou seja, os bairros suburbanos, é preciso primeiramente esclarecer o que entendemos por escalas de análise. Segundo Souza (2013) as escalas de análise não são dadas *a priori*, isto é, elas são definidas durante o processo de construção do objeto de conhecimento, já que, para focalizar e investigar uma determinada questão algumas escalas serão mais adequadas do que outras, suprimindo com mais propriedade aquilo que se deseja pesquisar. Portanto, o jogo escalar aqui adotado é fruto de um trabalho de combinar e recombinar escalas, a fim de que elas conjuguem com os objetivos a serem atingidos.

Ainda no que concerne ao recorte espacial, questionamo-nos, afinal, o que são bairros suburbanos? De acordo com Soares (1965) os bairros suburbanos são áreas com características fisionômicas acentuadamente urbanas, mas que num passado próximo foram o subúrbio da cidade. Abreu (1987), por outro lado, afirma que o subúrbio é a periferia de ontem, porém, bairros consolidados na cidade de hoje. Os dois autores, no entanto, concordam que são bairros formados ao longo das linhas ferroviárias. Soares (1965) complementa a definição uma vez que a autora entende que de forma geral, os bairros suburbanos estão associados a três características principais: o trem como principal meio de transporte, como afirmado anteriormente, o predomínio de uma população

com recursos escassos e as frequentes relações com o centro da cidade. Para a autora as circunscrições censitárias do Engenho Novo, Méier, Inhaúma, Piedade, Penha, Irajá e Madureira são aquelas que compõem os bairros suburbanos (Soares, 1965). No caso do presente artigo, a região administrativa da Ilha do Governador, não pertencente nem aos bairros suburbanos e nem à Zona Norte, foi incluída nos bairros suburbanos para que não fosse analisada isoladamente. Seus números não são muito expressivos, não alteram e nem comprometem a análise dos bairros suburbanos.

Sobre o assunto é importante fazer uma ressalva posto que Fernandes (2010) aponta que o conceito carioca de subúrbio sofreu um raptó ideológico. Segundo o autor difundiu-se uma ideia, política e ideológica, de promover o subúrbio carioca enquanto lugar do proletariado, reafirmando certos lugares e grupos sociais para fora da cidade, ou seja, expressando uma exclusão social. Fernandes (2010), por exemplo, afirma que, mesmo bairros periféricos, mas habitados por uma classe média e alta, como Copacabana na primeira metade do século XX e Barra da Tijuca no final do mesmo século, não seriam julgados como subúrbio. Além disso, o autor define que o conceito carioca de subúrbio está associado a mais duas características principais. A primeira delas é que são bairros que estão distantes politicamente, socialmente e culturalmente do epicentro de tais acontecimentos e a segunda é que são bairros ferroviários e populares.

Sem desconsiderar os apontamentos pertinentes de Fernandes (2010) e não desejar contribuir para tal raptó ideológico, mas considerando o período inicial da análise do artigo, a categoria de bairros suburbanos será aqui considerada como uma área habitada por uma população de renda mais baixa que as dos setores mais nobres da cidade, sobretudo marcada pela função fabril e local de residência de trabalhadores. E enquanto um conjunto de bairros que possuem um aglomerado de serviços e comércio menor em quantidade e em qualidade, enquanto um espaço social carioca com um centro excentricamente localizado e com um processo de descentralização relativamente antigo, questiona-se como se comportou a inauguração dos estabelecimentos cinematográficos no subúrbio.

Como recorte espacial, devemos também selecioná-lo temporalmente, gerando o que chamamos de recorte espaço-temporal e a partir daí a periodização é considerada como um recurso determinante para o presente trabalho.

A principal fonte de pesquisa foi Gonzaga (1996), a qual trouxe uma rica informação sobre as salas de cinema existentes na cidade do Rio de Janeiro entre 1896 e 1995, com seus respectivos nomes, nomes substitutos, ano de instalação, ano de fechamento e endereços completos, ou seja, atributos espaço temporais indispensáveis para uma pesquisa em geografia. Diante dessa extensa fonte de dados foi necessário, primeiramente que se estabelecessem alguns critérios para validação desses dados, como, por exemplo, a contabilização de sala por sala (e não cinema por cinema) e a desconsideração daqueles cinemas sem o endereço completo, para em seguida fazermos uma sistematização dos mesmos (Sousa, 2014) segundo uma periodização.

A periodização segundo Santos (1985 [2008]) é importante porque evidencia como as variáveis mudam de valor segundo o período histórico, auxiliando, como apontou Corrêa (1987), no entendimento da organização espacial, já que ela destaca os diferentes momentos que caracterizam o processo de elaboração de tal organização espacial. A variável aqui analisada são, no caso, as salas de cinema.

Depois de inúmeras tentativas e erros, entendemos a periodização como construção intelectual, que se torna flexível aos olhos do pesquisador, podendo cada um deles estabelecer sua própria periodização de acordo com o seu objetivo, como definiu Santos (1985[2008]) baseando-se em Braudel. Sobre o assunto, Corrêa (2011) defende que não existe uma periodização melhor do que a outra *a priori*, o importante, nesse caso, é entender que o estabelecimento de períodos deve obedecer a uma relativa homogeneidade interna em termos de elementos, processos e acontecimentos que caracterizam aquele período. Os elementos selecionados devem responder aos propósitos da periodização, como assegurou Corrêa (2011) com base em Wishart. No mesmo caminho Santos (1976) entende que o tempo deve ser dividido em seções segundo suas características, não separadamente, individualmente, mas em suas inter-relações, encontrando dessa forma, os verdadeiros sistemas de tempo. Sendo assim, como afirmou Corrêa (1987, 2011), de acordo com a variedade e intensidade desses processos gerais, poderá haver períodos mais curtos ou mais longos, caso, por exemplo, da periodização da rede urbana da Amazônia estabelecida pelo autor, na qual há períodos com duração de 40, 50 ou 100 anos e também daquela que será aqui apresentada, com períodos de 30, 50 e 10 anos. Para Santos (1994), qualquer que seja o estudo, é indispensável fazer uso de muitas periodizações.

A periodização do presente trabalho tem como base nove períodos, cada um com dez anos de duração, considerando como elemento caracterizador de cada um dos períodos as salas de exibição em funcionamento, como já afirmado anteriormente. A data inicial é 1905 e a final, 1994. Portanto, o recorte temporal ficou definido assim: 1905-1914, 1915-1924, 1925-1934, 1935-1944, 1945-1954, 1955-1964, 1965-1974, 1975-1984, 1985-1994. A análise dessa periodização decenal, portanto, formal, nos levou a observar uma relativa homogeneidade da ocorrência de cinemas ao longo do tempo, fazendo com que reagrupássemos essa periodização eminentemente formal em três momentos que serão base para nossa análise. O primeiro momento é o de centralização dos cinemas no Centro, que vai de 1905 até 1934, quando esta área da cidade reunia o maior número de salas em funcionamento. O segundo momento é o de descentralização dos cinemas, entre 1935 e 1984 e o terceiro momento ocorre entre 1985-1994, quando há o crescimento dos shopping centers na cidade e um ainda incipiente movimento de recentralização dos cinemas nesses grandes centros de compra.

Entende-se que a periodização estabelecida seja problemática e limitada, no entanto, a título de compreensão da realidade, jamais chegaremos a sua absoluta apreensão. Portanto, utilizamos aquela em que foi possível fazer uma leitura dos movimentos e pausas das salas de cinema na cidade do Rio de Janeiro, como veremos a seguir. O Quadro 1 indica o número de salas de cinema por área em cada um dos períodos. Esclarece-se que esse número representa a quantidade de salas em atividade em cada um dos momentos, independentemente do seu ano de inauguração ou fechamento. Por exemplo, a sala X inaugurada em 1906 e fechada em 1920 estará presente no apenas no Momento 1, a sala Y inaugurada em 1940 e fechada em 1990 estará presente nos Momentos 2 e 3 e a sala Z inaugurada em 1910 e fechada em 1990 estará presente no Momento 1, Momento 2 e Momento 3.

Quadro 1 – Cinemas em funcionamento segundo momentos e áreas

ÁREAS	MOMENTOS		
	Momento 1: 1905-1934	Momento 2: 1935 -1984	Momento 3: 1985-1994
Rio de Janeiro – RJ	250	310	105
Zona Sul	27	53	37
Zona Norte	41	38	9
Bairros Suburbanos	59	128	22
Centro	110	44	10
Zona Oeste	13	41	10
Barra da Tijuca	-	6	17

Fonte: Gonzaga (1996) *apud* Sousa (2014)

Conforme exposto no Quadro 1, durante o Momento 1 havia no Rio de Janeiro 250 salas em atividade, no entanto, não necessariamente esses 250 cinemas funcionaram concomitantemente, mas ao longo desses 30 anos o Rio de Janeiro presenciou o funcionamento desse montante de salas. Como afirmado anteriormente e ilustrado no Quadro 1, a área com maior número de salas era o centro, com 110 cinemas, ou seja, esse foi o primeiro grande polo cinematográfico da cidade. Áreas como a Praça Tiradentes, a Av. Rio Branco e a Cinelândia se destacaram por concentrarem uma quantidade relativa de salas, 14, 15 e 13 cinemas respectivamente (SOUSA, 2014). A Praça Tiradentes e a Cinelândia, por serem praças, concentravam suas salas em áreas especializadas conhecidas como distrito de entretenimento (BERRY, 1971), já a Av. Rio Branco, por ser uma grande via de circulação se caracterizava pela concentração em eixos (BERRY, 1971). De forma geral o Momento 1 relaciona-se com o que conhecemos como o processo espacial de centralização, ou seja, aquele que gera a área central, onde há concentração das principais atividades de comércio e serviços, gestão pública e privada e os terminais rodoviários (intraurbanos e inter-regionais) conforme afirmado por Corrêa (1989[2005]). Sobre o assunto Sposito (1991) ressalta que a área central não necessariamente é o centro geográfico, antes de tudo, sua principal característica é ser ponto de convergência e divergência de atividades terciárias, postos de trabalho, meios de transporte e circulação de pessoas, por exemplo, gerando uma centralidade. A concentração das salas de cinema e o conjunto das demais atividades terciárias nessa área reforça esta centralidade.

No Momento 2 o Rio de Janeiro chegou ao total de 310 salas, das quais 128 estavam distribuídas pelos 46 bairros que compunham os bairros suburbanos, ou seja, o que poderia ser uma grande concentração espacial diluiu-se no espaço por esses mais de 40 bairros. Madureira, Penha, Ilha do Governador e Méier foram aqueles que mais se destacaram com 11, 8, 6 e 6 cinemas respectivamente. Veremos esses números mais especificamente na Parte 2 do artigo. O Momento 2 é caracterizado de forma geral por

aquilo que entendemos como processo espacial de descentralização, ou seja, quando as atividades de comércio e serviços encaminham-se para áreas até então não centrais (CORRÊA, 1997[2011], 1989 [2005]). Essa migração se dá por alguns motivos que Colby (1933) chama de forças centrífugas. Essas forças agem como ações de repulsão ao centro paralelamente às ações de atração em direção a outras áreas não centrais. Para que as forças centrífugas possam agir as áreas não centrais precisam ser dotadas de qualidades numerosas e variadas, tais como a presença de largas porções de terras não ocupadas que podem ser obtidas por preços relativamente baixos e a proximidade com o serviço de transporte para a locomoção entre cidades. Por meio do número de estabelecimentos cinematográficos verificamos esse movimento de descentralização, já que ao passo que o montante de salas no Centro diminui drasticamente do Momento 1 para o momento seguinte, de 110 para 44, o número de salas nas outras áreas cresce. Com exceção da Zona Norte, que teve uma leve queda, de 41 no Momento 1 para 38 no Momento 2, as outras áreas só apresentaram aumento. Nos bairros suburbanos, o número quase dobra, de 59 para 128, na Zona Sul sobe de 27 para 53, na Zona Oeste de 13 para 41 e até mesmo na Barra da Tijuca, onde não havia nenhuma sala no Momento 1 passou a ter seis salas no Momento 2.

Por fim, no Momento 3 tínhamos no Rio de Janeiro 105 salas, com maior concentração na Zona Sul da cidade, porém destaca-se nesse período o momento inicial de instalação dos shopping centers e a crescente migração das salas para esses grandes centros de compra (SOUSA, 2014). Todos os 17 cinemas na Barra da Tijuca, por exemplo, estavam em shopping centers, ao passo que daqueles 37 na Zona Sul, apenas oito estavam dentro desses centros de compra, mostrando que essa passagem, apesar de parecer inevitável, foi progressiva (SOUSA, 2014). O surgimento do shopping center e o aparecimento dos “cinema de shopping center” evidencia a capacidade de renovação e crescimento dos estabelecimentos cinematográficos (SOUSA, 2014).

Como o objetivo é entender a dinâmica espacial dos cinemas nos bairros suburbanos, detalharemos o tópico na parte seguinte de acordo com os três momentos selecionados.

### **Subúrbio e cinema: uma breve análise empírica**

Conforme indicado no Quadro 1, podemos identificar que durante o primeiro momento, após a área central, os bairros suburbanos eram a segunda área com a maior concentração de salas na época – eram ao todo 59 salas que estavam distribuídas por 20 bairros suburbanos, dos quais aqueles que mais se destacaram numericamente foram Madureira e Méier, com 7 cinemas em cada bairro. Os demais tinham entre uma e seis salas, como por exemplo, Piedade, com seis salas, Engenho Novo com cinco, Riachuelo com quatro, Olaria com três, Ramos com dois e Bonsucesso com um.

Os cinemas localizados em Madureira estão listados a seguir.

Quadro 2 – Cinemas em funcionamento em Madureira no Momento 1

<b>Cinema</b>	<b>Inauguração</b>	<b>Fechamento</b>	<b>Endereço</b>
Cinema Feliz Madureira	1911	1911	Rua Domingos Lopes, ?
Cine Madureira	1922	1923	Rua Domingos Lopes, 256
Cine Teatro Madureira	1923	1981	Rua João Vicente, 59
Cine Alfa	1929	1972	Rua Domingos Lopes, 229
Cinema de J. Zola	1929	1929	Rua João Vicente, 97
Cinema Feliz Madureira	1910	1911	Rua Lopes, 51
Cinema Beija-Flor	1915	–	Rua João Vicente, 15/19

Fonte: Gonzaga (1996)

Verifica-se, de acordo com o Quadro 2, que as sete salas em Madureira estavam localizadas em três ruas diferentes. Tanto na Rua Domingos Lopes quanto na Rua João Vicente, ambas paralelas a linha do trem, encontraríamos três cinemas em cada uma delas. Já a Rua Lopes tinha apenas uma sala. Observa-se, assim, que as ruas próximas ao trem eram aquelas com maior número de salas, indicando haver uma relação entre o meio de transporte e a localização de salas, ou seja, que o meio de transporte poderia interferir na instalação não só de cinemas, mas de todo tipo de atividades terciárias. Noronha (1986), por exemplo, descreve que “Quem viesse de trem da cidade, numa composição do ramal de Dona Clara, e tivesse que saltar em Madureira, penúltima estação da linha, veria logo à sua frente o Cinema Beija-Flor” (Noronha, 1986, p. 47), indicando a proximidade entre o trem e o cinema.

No que se refere ao tempo de funcionamento dos cinemas, independentemente de onde os encontraríamos, verificamos que de um lado nós tivemos cinemas que duraram menos tempo, não chegando a completar um ano em atividade, e de outro algumas salas que funcionaram por um período mais longo. Na Rua Domingos Lopes funcionaram por pouquíssimo tempo o Feliz Madureira e o Cine Madureira, da mesma forma o J. Zola na Rua João Vicente e o Cinema Feliz Madureira, na Rua Lopes. Já as outras três salas restantes funcionaram por um período mais longo, o Alfa, que ficou aberto por um pouco mais de 40 anos, o Cine Teatro Madureira, por quase 60 anos e o Beija-Flor, que está com um traço na coluna de data de fechamento porque, no ano de lançamento do livro de Gonzaga (1996), a fonte na qual retiramos as informações, ainda estava em funcionamento, ou seja, até a década de 1990 ele ainda estava em atividade, tendo funcionado por no mínimo 80 anos. Ainda sobre este último, em 1986, ele substituiu seu nome para Madureira 3 (os Madureira 1 e 2 funcionavam na Rua Dagmar da Fonseca, 54).

Esse fenômeno de fechamento de salas com tão pouco tempo de inauguradas também fora identificado na área central da cidade nesse mesmo primeiro momento. De acordo com Gonzaga (1996), por se tratar de um momento inicial de instalação dos cinemas, muitos se caracterizaram por serem empreendimentos fracassados por conta da péssima qualidade de exibição, como os problemas da flicagem (espaço entre um fotograma e outro), o lusco-fusco das imagens e também pelo escasso estoque de filmes,

o que tornava o espetáculo cinematográfico desinteressante. Segundo a mesma autora outros cinemas funcionariam também de forma itinerante, ou seja, migravam de um bairro para outro conforme interesse do público pelo espetáculo, dando esse caráter de funcionamento por pouco tempo. Sendo assim, esta instabilidade não tinha, a princípio, nenhuma relação com as condições de acessibilidade do bairro, por exemplo.

As salas no Méier enfrentaram a mesma instabilidade como veremos a seguir.

Quadro 3 – Cinemas em funcionamento no Méier no Momento 1

<b>Cinema</b>	<b>Inauguração</b>	<b>Fechamento</b>	<b>Endereço</b>
Cinema Americano	1909	1909	Rua Arquias Cordeiro, 17
Cinema Edison	1909	1911	Rua Dias da Cruz, 47
Cinema Méier	1909	1911	Rua Arquias Cordeiro, 262
Cinema Mascote	1909	1972	Rua Arquias Cordeiro, 232
Teatro-Cinema Santo Antônio	1910	1910	Rua Dias da Cruz, 75
Parque de Diversões Méier	1924	1924	Rua Imperial, 47
Cine Méier	1919	-	Avenida Amaro Cavalcanti, 105

Fonte: Gonzaga, 1996.

Como indicado no Quadro 3 observa-se no Méier, sete salas distribuídas por quatro endereços diferentes. A rua com maior concentração era a Arquias Cordeiro, paralela à linha do trem, com três salas, com destaque para o Cinema Mascote, que permaneceu 63 anos em atividade. Na Rua Dias da Cruz, principal via comercial do bairro, encontravam-se duas salas que funcionaram por um curto período de tempo. Na Rua Imperial, onde funcionou o Parque de Diversões Méier, cujo cinema se introduziu por poucos meses (Gonzaga, 1996) e na Avenida Amaro Cavalcanti, paralela à linha do trem, onde funcionou o Cine Méier, que da mesma forma que o Beija-Flor em Madureira, também estava em atividade quando Gonzaga (1996) lançou o seu livro, tendo funcionado por no mínimo 76 anos.

Identificamos novamente que a maior parte dos cinemas no bairro estava localizada em ruas paralelas à linha do trem, Arquias Cordeiro e Amaro Cavalcanti e, agora, àquela com maior número de estabelecimentos comerciais, a Dias da Cruz.

Os outros bairros, como já afirmado, tinham entre uma e cinco salas e várias delas também localizavam-se nas ruas próximas às estações de trem. Destaca-se o Cinema Piedade, no bairro de mesmo nome, na Rua Assis Carneiro, n. 18, transversal à linha do trem; o Cinema Halley, depois Cinema Engenho Novo na Rua Barão do Bom Retiro, n. 7, também transversal à linha do trem, no Engenho Novo; o Cine Oriente, na Rua Alfredo Barcelos, n. 705 em Olaria, da mesma forma transversal à linha do trem, e o Coliseu Cinema, na Rua Nerval de Gouvêa, n. 123 em Cascadura, paralela ao trem. Para tanto, é possível

identificar o papel central dos meios de transporte para a localização dos cinemas e a forte relação entre o trem e o subúrbio, como já apontado por Soares (1965). Para Duarte (2001) a importância dos trens na dinâmica social foi impulsionada pela eletrificação da linha da Central do Brasil em 1937 (juntamente com a aquisição de novas composições), a publicidade em torno dessas novidades e o fato da ferrovia ser o mais amplo sistema de transportes do subúrbio, ao contrário do que acontecia em outras áreas.

O segundo momento, que começa a partir de 1935 e prolonga-se até 1984, vai presenciar não só a grande ascensão dos cinemas nos bairros suburbanos, mas no nível da cidade, uma transformação que denominamos de processo de descentralização, que por sua vez contribuirá justamente para essa grande expansão no número de salas em áreas fora do centro.

De acordo com Abreu (1987 [2008]), será a partir de 1930 que o subúrbio terá uma intensificação notável na sua ocupação fabril e demográfica, de um lado porque será nessa década que o governo delinear, por meio de decreto, zonas industriais, e de outro, pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, que dificultou as importações, estimulando assim a produção nacional. Áreas como a margem direita da linha da Central do Brasil, ao longo da linha Auxiliar e da Rio D'Ouro serão delimitadas como novas zonas industriais e apontarão não só o crescimento fabril, mas populacional também, que muitas vezes acompanhavam o deslocamento do posto de trabalho (ABREU, 1987 [2008]).

Em artigo sobre como o espaço urbano carioca se organizou em função de uma série de centros funcionais, Duarte (1974) atribui a essa expansão urbana o crescimento populacional. Os centros funcionais ou subcentros constituíram-se, como aponta a autora, por características como a presença de atividades comerciais em número e tipos diversificados, serviço financeiro, serviços profissionais como consultórios médicos, serviços cultural e recreativo e a presença de pontos convergentes de linhas de transporte ou de eixos de passagem obrigatória para outros bairros. Os cinemas, portanto, estariam incluídos nessa ampliação da oferta de serviços culturais e recreativos pelos subcentros. Duarte (1974) analisou esse setor, indicando estabelecimentos como escolas de ensino médio e superior, museus, bibliotecas, teatros e cinemas. Sobre os cinemas, teatros e casas noturnas a autora destaca que:

Esses serviços criados para satisfazer às necessidades de diversão da população têm bastante expressão, pois são elementos da centralidade, atraindo numerosa população. Pelo mapeamento dos cinemas verifica-se uma tendência a um certo adensamento dos mesmos nos centros funcionais, que em verdade está preso às possibilidades de múltipla escolha por parte do espectador. (DUARTE, 1974, p. 73)

O trecho exposto acima vai ao encontro da análise aqui presente – a ampliação da descentralização das atividades terciárias, incluindo também a dos estabelecimentos cinematográficos pelo subcentros cariocas, suburbanos ou não suburbanos. Soares (1965), no caso suburbano, intitula o Méier como a capital dos subúrbios porque, depois de Copacabana, seria o subcentro mais bem aparelhado para atender quase todas as necessidades da população. Duarte (2001), mais recentemente, dará esse título à Madureira,

quando assinala o bairro como maior subcentro suburbano da cidade do Rio de Janeiro. Entende-se assim que Méier e Madureira são bairros em destaque, como já visto no primeiro momento, entre 1905 e 1934 e agora, no segundo momento, não será diferente.

Eram ao total 128 salas distribuídas por 46 bairros suburbanos, dos quais mais uma vez Madureira e Méier concentrarão uma quantidade relativa frente aos demais. Em Madureira eram 11 salas e no Méier seis. A Penha entrará na lista com oito salas, bem como a Ilha do Governador também com seis. Os outros bairros terão entre um e cinco salas, como Bonsucesso, que teve um aumento de salas do primeiro para o segundo momento, de um para cinco, Ramos com quatro, Irajá com três, Oswaldo Cruz com dois e Vaz Lobo com um.

Madureira, apresentou oito novas salas que juntaram-se com outros três cinemas inaugurados durante o primeiro momento, totalizando 11 salas, como indica o Quadro 4.

Quadro 4: Cinemas em funcionamento em Madureira no Momento 2

<b>Cinema</b>	<b>Inauguração</b>	<b>Fechamento</b>	<b>Endereço</b>
Cine Teatro Madureira	1923	1981	Rua João Vicente, 59
Cine Alfa	1929	1972	Rua Domingos Lopes, 229
Cinema Beija-Flor	1915	-	Rua João Vicente, 15/19
Cine Teatro Coliseu	1938	1972	Av. Min. Edgar Romero, 37
Cine Colorado	1954	1964	Av. Min. Edgar Romero, 302
Cinema Art Palácio Madureira	1967	-	Praça Armando Cruz, 120
Cine Astor	1970	-	Av. Min. Edgar Romero, 236
Cinema Madureira 2	1973	-	Rua Dagmar da Fonseca, 54 A
Cinema Madureira 1	1973	-	Rua Dagmar da Fonseca, 54 A
Cine-Show Madureira	1979	1980	Rua Carolina Machado, 542
Cine Bristol	1983	1990	Av. Min. Edgar Romero, 460

Fonte: Gonzaga (1996)

Os três primeiros cinemas listados são fruto ainda do primeiro momento (entre 1905-1934), O Cine Teatro Madureira, Alfa e Beija-Flor. Os demais foram inaugurados ao longo do Momento 2, ou seja, entre 1935-1984.

Um novo endereço se destaca por concentrar um maior número de salas, a Avenida Ministro Edgar Romero, importante via de circulação do bairro, onde também está localizado o Mercado de Madureira, comércio popular que atrai muitas pessoas ao local, tinha quatro cinemas, que tiveram durações diferentes. O Cine Colorado e o Cine Bristol funcionaram por dez e sete anos respectivamente. O Teatro Coliseu coleciona 34 anos de existência e o Cine Astor continua em atividade, como indica uma reportagem de jornal publicada em 2014<sup>1</sup>.

Na Rua Dagmar da Fonseca, via secundária, porém não menos movimentada que a Avenida Ministro Edgar Romero, havia dois cinemas, o Madureira 1 e 2, incorporados à galeria que funciona no mesmo endereço. As bilheteiras, localizadas à frente da galeria, ou seja, em contato direto com a rua, facilitava a aproximação do público, já acostumado com o esse formato dos cinemas. De acordo com Gonzaga (1996) as salas da Rua Dagmar da Fonseca foram as primeiras do Grupo Luiz Severiano Ribeiro a serem inauguradas com dois espaços cinematográficos ao mesmo tempo, possibilitando assim a maior oferta de filmes e horários aos espectadores.

A Rua João Vicente, com dois salas e a Rua Carolina Machado, com um, são paralelas à linha do trem; a Rua Domingos Lopes, com uma sala, transversal à linha férrea e a Praça Armando Cruz, também com um cinema vizinho a linha ferroviária, reforçam o padrão já observado no Momento 1 – as salas estão próximas do meio de transporte e de ruas movimentadas comercialmente.

A Penha é o segundo bairro com maior número de cinemas entre os bairros suburbanos, com oito salas, listadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Cinemas em funcionamento na Penha durante o Momento 2

<b>Cinema</b>	<b>Inauguração</b>	<b>Fechamento</b>	<b>Endereço</b>
Cine Teatro Penha	1923	1969	Rua Nicarágua, 114
Cinema Aleluia	1943	1946	Rua Cuba, 109
Cineminha Bim-Bam-Bum	1947	1954	Rua Costa Rica, 86
Cine Nice	1953	1960	Rua Macapuri, 108
Cine Central	1953	1972	Av. Lobo Junior, 1414
Cinema Leopoldina	1954	1975	Rua Ibiapina, 41
Cine Mello	1956	1972	Estr. Vicente de Carvalho, 1385
Cine Aymoré	1967	1968	Rua Ipojuca, 109

Fonte: Gonzaga (1996)

Na Penha, diferentemente de Madureira, os 8 cinemas estavam distribuídos em endereços dispersos geograficamente pelo bairro, não apresentando nenhuma concentração relativa, destacando-se apenas numericamente. A Estrada Vicente de Carvalho e a Avenida Lobo Junior são vias principais do bairro e as ruas Nicarágua e Ibiapina são paralelas à linha do trem. Os cinemas que se mantiveram em funcionamento por mais tempo eram justamente aqueles que se localizavam nesses endereços. O Cine Teatro Penha, na Rua Nicarágua, n. 114, funcionou por 46 anos, o Cine Central, na Avenida Lobo Junior, n. 1.414, manteve-se em atividade por 19 anos, o Cine Mello, na Estrada Vicente de Carvalho, n. 1.385, funcionou por 20 anos, e o Cinema Leopoldina, na Rua Ibiapina, 41, por 21 anos. Os demais cinemas funcionaram entre um e sete anos.

No Méier e Ilha do Governador havia seis salas em cada um dos bairros durante o Momento 2. Pelo fato de a Ilha do Governador não se enquadrar como subcentro comercial, o detalhamento ficará restrito ao bairro Méier, conforme indica o Quadro 6.

Quadro 6 – Cinemas em funcionamento no Méier durante o Momento 2

<b>Cinema</b>	<b>Inauguração</b>	<b>Fechamento</b>	<b>Endereço</b>
Cinema Mascote	1909	1972	Rua Arquias Cordeiro, 232
Cine Méier	1919	-	Avenida Amaro Cavalcanti, 105
Cinema Paratodos	1935	-	Rua Arquias Cordeiro, 350
Cinema Roulien	1949	1964	Rua Arquias Cordeiro, 596
Cinema Imperator	1954	1985	Rua Dias da Cruz, 170
Cine Eskyé Méier	1957	-	Rua Silva Rabelo, 20

Fonte: Gonzaga (1996)

Dos sete cinemas em funcionamento no Méier, dois deles já estavam em atividade no Momento 1, o Cinema Mascote e o Cine Méier, que nos anos 60 mudou de nome, ficando conhecido como Cine Bruni Méier. Os outros quatro foram inaugurados entre 1935 e 1984.

A Rua Arquias Cordeiro destaca-se mais uma vez com 3 salas de cinema. O primeiro deles, o Cinema Mascote, já presente no período anterior, o Paratodos e Roulien, que com seus 15 anos em funcionamento, foi o que menos permaneceu em atividade no bairro.

Na Rua Dias da Cruz, a principal via comercial do bairro, destaca-se o Cinema Imperator, reaberto em 2012 sob a égide da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. O local atualmente abriga o Imperator – Centro Cultural João Nogueira, um complexo com três salas de cinema, uma sala para espetáculos de teatros e shows, um espaço para exposições, restaurante e bistrô<sup>2</sup>.

As ruas Silva Rabelo, próxima à linha do trem, e Amaro Cavalcanti, paralela à linha férrea, contabilizavam um cinema em cada.

Dentre outros exemplos de bairros com a existência de cinemas próximos à linha férrea, destacam-se Oswaldo Cruz, Ramos e Riachuelo. Localizavam-se respectivamente o Cine Caiçara na Rua João Vicente, n. 1.143 (em atividade por 25 anos); o Cine Ramos, na Rua Uranos, 1009 (em atividade por 35 anos) e o Cinema Modelo, na Rua 24 de Maio, 226 (em atividade por 71 anos) (GONZAGA, 1996). Tais indícios denotam a importância da via de circulação de pessoas como elemento fundamental para a instalação de atividades terciárias, incluindo neste ramo os estabelecimentos cinematográficos, como já verificado durante o Momento 1.

Por fim, o último momento, entre 1984 e 1995, a luz da trajetória geral dos cinemas no Rio de Janeiro significa um período inicial de migração de salas para o interior de shopping centers. O Rio de Janeiro contabilizava 105 salas, das quais 29 estavam em shopping centers e 72 na rua (SOUSA, 2014). Em contraponto, para o subúrbio carioca, o Momento 3 significou uma diminuição brutal, tanto no número de salas quanto nos bairros em que elas estavam presentes. Se no Momento 2 eram 128 salas distribuídas por 46 bairros, no Momento 3 eram 22 cinemas em apenas oito bairros suburbanos. Sete salas em Madureira, seis no Méier, três na Ilha do Governador, dois em Olaria e um

em Marechal Hermes, Rocha Miranda, Ramos e Cascadura. Ou seja, Méier e Madureira destacam-se novamente pela quantidade de salas, reforçando que ambas são, até os dias atuais, dois grandes subcentro comerciais suburbanos da cidade do Rio de Janeiro.

Os sete cinemas presentes em Madureira no Momento 3 foram quase todos inaugurados no período anterior, com exceção do Cinema Art Palácio Madureira, na Praça Armando Cruz, n. 120, que agora inauguraria mais uma sala, ficando então como Cinema Art Palácio 1 e 2. É importante salientar que as salas não foram divididas em duas menores. Segundo Gonzaga (1996) o proprietário, aproveitou o fechamento do Teatro Zaquia Jorge, ao lado, para transformá-lo em um estabelecimento cinematográfico em 1987. Os demais eram os Cines Astor, Beija-Flor, Madureira 1, Madureira 2 e o Cine Bristol.

Já no Méier poderíamos observar o início daquela tendência de inauguração de salas dentro de shopping centers. Eram, no Momento 3, seis salas no bairro, das quais quatro já haviam sido inauguradas no período anterior (Cinema Paratodos, Imperator, Eskye Méier e Cine Méier). As duas novas salas foram abertas no Norte Shopping alguns anos depois de sua inauguração. O shopping center fora inaugurado em 1986<sup>3</sup> e os cinemas em 1989.

Além das 2 salas no Norte Shopping, o único outro bairro que apresentava salas em shopping centers no subúrbio era a Ilha do Governador – duas de suas salas estavam no Ilha Plaza. Ou seja, das 22 salas nos bairros suburbanos durante o Momento 3, 4 estavam em shopping centers e 18 na rua.

Sabe-se que os shopping centers são uma nova forma de organização de atividades de comércio e serviços que reproduzem de maneira planejada e sistemática o modelo de economias de aglomeração, visando gerar uma nova área central, tais quais os subcentros. Além disso, representam uma nova forma de sociabilidade e consumo simbólico, deixando de ser um simples lugar de centro de compras (FRÚGOLI JR, 1992). Devido ao caráter voltado ao lazer e ao entretenimento, os cinemas convergem para o contexto de novas formas de sociabilidade e consumo simbólico. Frequentar o cinema significa não apenas assistir ao filme, mas consumir também o ambiente onde o cinema foi construído e instalado, participando de uma rede social de amigos e, conseqüentemente, de momentos de sociabilização e de consumo simbólico.

Cabe ressaltar que a diminuição de salas de rua e o aumento de salas em shopping centers não diminui a importância dos cinemas para a população e a manutenção da sociabilidade. Na verdade, isso ressalta o fôlego com que esse equipamento lida com as mudanças da cidade e nas práticas sociais de forma geral. Os cinemas já sofreram alterações como o advento do som, do ar condicionado, das novas tecnologias de projeção, dos tipos de sala – digital e 3D –, bem como mudanças de hábitos, como a prática de alugar filmes em videolocadoras ou, mais recentemente, assistir a filmes, em casa, pela TV a cabo ou via internet. Entretanto a ida ao cinema continua fazendo parte do cotidiano do povo como forma de lazer difundidamente praticada, o que mostra o poder de renovação e de adaptação desse veículo de entretenimento. Sendo assim, deve-se observar os shopping centers não como razão da redução do número de salas de cinema de rua, mas sim impulsionadores do crescimento e da renovação das/nas mesmas. As salas dentro dos shopping centers são o futuro, mas não necessariamente melhor ou pior do que as salas de rua.

## Considerações Finais

A dinâmica espacial dos cinemas no subúrbio é parte integrante das transformações urbanas da cidade do Rio de Janeiro, na qual pode-se destacar três grandes momentos. No primeiro momento, entre 1905 e 1934 ocorreu o processo de centralização, não só dos cinemas, mas de uma gama de atividades de comércio e serviços na área central da cidade. Cabe lembrar que essa centralização era relativa já que verificaríamos essas mesmas atividades em outras áreas da cidade. No segundo momento, mais longo, entre 1935 e 1984, identifica-se o processo de descentralização dos cinemas e das atividades terciárias por bairros suburbanos e não suburbanos, tais como Madureira, Méier, Tijuca e Copacabana. E por fim, o terceiro momento, entre 1985 e 1994, quando verifica-se a instalação inicial dos shopping centers pelo Rio de Janeiro e a migração, lenta e progressiva, dos cinemas para esses grandes centros de compra.

No presente artigo, destacamos, especificamente, a análise da dinâmica locacional dos cinemas nos bairros suburbanos e observamos primeiramente que Madureira e Méier vão se sobressair aos demais – no primeiro e terceiro momento concentrando sozinhos o maior número de salas do subúrbio e no segundo momento, ao lado da Penha e Ilha do Governador, também estarão ambos como os bairros com maior concentração de cinemas. Em seguida, verificamos que independentemente do momento, Momento 1, Momento 2, Momento 3 e do bairro, com muitas ou poucas salas, a localização dos cinemas, na grande maioria estava atrelada à uma rua de grande concentração comercial ou na rua paralela ou próxima à linha férrea, fornecendo uma pista que a dinâmica locacional dos cinemas no subúrbio estava relacionada a fatores como o meio de transporte e a outras atividades terciárias. Centralidade e acessibilidade são os fatores fundamentais para a localização dos cinemas no subúrbio carioca.

Entende-se também que é impossível tratar do assunto, qualquer que seja ele, de forma a abarcar todos os diferentes pontos de vista e perspectivas. Portanto, admite-se que existem muitos assuntos relacionados aos cinemas no subúrbio carioca e no Rio de Janeiro que não foram retratados no presente artigo, como, por exemplo, as empresas exibidoras que detinham os direitos dos cinemas, possíveis redes geográficas estabelecidas por elas, a programação exibida por cada um dos cinemas, o público frequentador e as possíveis refuncionalizações que os cinemas receberam recentemente. Considerando a relevância de cada um desses subtemas, manteve-se a fidelidade sobre nosso objetivo central de estudo, ao versar sobre a lógica de distribuição dos cinemas pelo subúrbio carioca.

## Referências Bibliográficas

ABREU, M. A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: IPP, [1987] 2008.

\_\_\_\_\_. *A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930)*. *Revista Espaço e Debates*, v. 7, n. 21, p. 12-38, 1987.

BERRY, B. J. L. General Features of Urban Commercial Structure. In: BOURNE, L. S. (Org.) *Internal Structure of the City—Readings on Space and Environment*. Toronto: Oxford University Press, 1971, p. 361 – 367.

COLBY, C. C. Centrifugal and centripetal forces in urban geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 23, n. 1, p. 1-20, 1933.

CORRÊA, R. L. Espaço e tempo – um tributo a Mauricio Abreu. *Revista Cidades*, v. 8, n. 14, p. 597-607, 2011.

\_\_\_\_\_. *Trajetórias geográficas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1997] 2011.

\_\_\_\_\_. *O espaço urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ática, [1989] 2005.

\_\_\_\_\_. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 49, n. 3, p. 39-68, 1987.

DUARTE, H. da S. B. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. *Revista Brasileira de Geografia*, ano 36, n. 1, p. 53-98, 1974.

DUARTE, R. G. *A contribuição dos transportes públicos para a contínua redefinição da centralidade de Madureira*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2001, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FERNANDES, N. da N. O conceito carioca de subúrbio: um rapto ideológico. *Revista da FAU UFRJ*, n. 2, p. 8-15, 2010.

FIORAVANTE, K. E. *Geografia e cinema: a produção cinematográfica e a construção do conhecimento geográfico*. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia, UFRJ, 2016.

FRÚGOLI Jr., H. Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico. In: *Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. PINTAUDI, S. M; FRUGOLI JR, H. (Orgs). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 75-92.

GONZAGA, A. *Palácios e poeiras: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

NORONHA, J. Um filme silencioso no cinema Madureira. *Filme Cultura*, n. 47, p. 47-49, 1986.

SANTOS, M. Técnica, espaço e tempo. In: *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1. ed., 1994, p. 61-86.

\_\_\_\_\_. *Espaço e método*. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1985] 2008.

\_\_\_\_\_. Relações espaço-temporais no mundo subdesenvolvido. Seleção de Textos n. 1, *AGB – Seção Regional de São Paulo*, p. 16-23, 1976.

SOARES, M. T. de S. Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geografia*, ano XXVII, n. 3, p. 3-58, 1965.

SOUSA, R. G. de. Cinemas no Rio de Janeiro: trajetória e recorte espacial. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2014, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/16/teses/827589.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2015.

SOUZA, M. L. de. Escala geográfica, “construção social da escala” e “política de escala”. In: *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 189-216.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expansão da centralidade urbana. *Revista Geografia*, n. 10, p. 1-18, 1991.

Recebido em: 29/11/2015      Aceito em: 27/12/2015

---

<sup>1</sup> “No Rio, pornô ajuda a manter abertos cinemas de rua”, *O Globo* de 21/09/2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/no-rio-porno-ajuda-manter-abertos-cinemas-de-rua-14000868#ixzz3E2ujKLhd>>. Acesso em: 22 set. 2014.

<sup>2</sup> Imperator – Centro Cultural João Nogueira. Disponível em: <<http://www.imperator.art.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

<sup>3</sup> Norte Shopping. Disponível em: <<http://www.norteshopping.com.br/ShoppingDetalhe>>. Acesso em: 26/ nov. 2015.